

## Heteronímia: uma longa história

Richard Zenith

### Resumo

Quando começa a heteronímia? Embora Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis — todos eles nascidos em 1914 — sejam geralmente reconhecidos como os únicos heterónimos com pleno direito ao termo, fazem parte daquilo a que podemos chamar o “sistema heteronímico”, que remonta à juventude do escritor. O famoso trio de autores fictícios distingue-se qualitativamente, mas todas as características que os definem — o modo “dramático” ou fingido de se expressarem na poesia e na prosa, as atitudes e opiniões por vezes divergentes das do seu criador, a interação entre eles e entre eles e o próprio Pessoa, a sua eventual “presença” na vida real (caso de Campos), o facto de terem biografias e assinaturas próprias — podem ser encontradas em outros pseudo-escritores que os antecederam no dito sistema. O presente ensaio inclui a transcrição de uma extraordinária carta em inglês, inédita, supostamente redigida pelo heterónimo humorista Gaudêncio Nabos e enviada a Pessoa a partir de Londres em 26/II/1906.

**Palavras-chave:** Heteronímia; Gaudêncio Nabos; Fernando Pessoa; Gaveston.

### Abstract

When did heteronymy begin? Alberto Caeiro, Álvaro de Campos and Ricardo Reis — all of whom emerged in 1914 — are usually regarded as the only heteronyms truly deserving of this designation, but they’re part of what we may call the “heteronymous system”, which goes back to the writer’s youth. The famous trio qualitatively stands apart from Pessoa’s other fictitious authors, but their defining characteristics — their “dramatic” or feigned way of expressing themselves in poetry and prose, their attitudes and opinions that often diverge from those of their creator, the interactions between them and Pessoa himself, their occasional “presence” in real life (Campos), and the fact they have their own biographies and signatures — can all be found in the pseudo-authors who preceded them in the said system. This essay includes the transcription of an astonishing, previously unpublished letter in English, supposedly written by the comic heteronym Gaudêncio Nabos and sent to Pessoa from London on 26/II/1906.

**Keywords:** Heteronymy; Gaudêncio Nabos; Fernando Pessoa; Gaveston.

Dois pessoas que muito estimo, depois de terem lido, em inglês, a minha biografia de Pessoa, questionaram a apresentação que faço da heteronímia. Achavam que os leitores incautos ficariam com a impressão de que o fenómeno estava em pleno funcionamento muito antes de 1914. Reflectindo, ocorreu-me que o meu entendimento da heteronímia, durante os anos em que trabalhei na biografia, sofrera uma mudança: hoje penso que o sistema heteronímico, em toda a sua complexidade, já existia muito antes do aparecimento de Alberto Caeiro, de Álvaro de Campos e de Ricardo Reis.

Pode objectar-se, logo à partida, que a heteronímia não pode existir sem heterónimos e que esta designação serve apenas para os três protagonistas do chamado “drama em gente”, todos eles nascidos em 1914. A esta réplica há três contra-objecções a fazer.

1) Como o próprio Pessoa afirmou e como os seus manuscritos confirmam, a figura ainda indistinta de Ricardo Reis surgira alguns anos antes de 1914. Aliás, este proto-Reis, imbuído de paganismo, pode também ter sido um precursor de Alberto Caeiro.<sup>1</sup>

2) O trio Caeiro-Reis-Campos, por vezes com a participação de António Mora e de Fernando Pessoa, não constituiu o primeiro “drama em gente”. Foi precedido por *Ultimus Jocularum*, em que o dramaturgo, ainda em Durban, colocava em cena autores fictícios como o Dr. Nabos e Sidney Parkinson Stool. Em 1907, dois anos após o regresso de Pessoa a Portugal, *Ultimus Jocularum* tornou-se numa espécie de moralidade medieval, com Erasmus Dare e Jacob Satan a personificarem o bem e o mal. Gaudêncio Nabos continuou a fazer parte da peça, que incluía também Alexander Search (sob o nome de Caesar Seek) e Ferdinand Sumwan (Pessoa, 2012: 356-361).

3) A terceira contra-objecção prende-se com a definição de heterónimo. Pessoa explicou que cada personagem incluída como autor nas suas *Ficções do Interlúdio* era “criada integralmente diferente, e não apenas diferentemente pensada”. Podia haver semelhanças com o autor-mor, Pessoa, mas eram personalidades distintas. No entanto, Pessoa teve a veleidade de usar o termo “heterónimo” de forma mais ampla, menos precisa, para personagens que nem sequer tinham personalidades bem definidas.<sup>2</sup> Além disso, é discutível quão “outro” seja Ricardo Reis ou Álvaro

---

<sup>1</sup> Na sua carta enviada a Adolfo Casais Monteiro em 13/I/1935, Pessoa disse que esboçara “um vago retrato” de Ricardo Reis “[a]já por 1912, salvo erro”, quando escreveu “uns poemas de índole pagã” num “estilo de meia regularidade” (Pessoa, 1999: 342). Foi, na verdade, em 1910 que esboçou alguns poemas assim (Zenith, 2014: 29-30).

<sup>2</sup> Na sua carta a João Gaspar Simões datada de 28/VII/1932 (Pessoa, 1982: 92), Pessoa afirma que “há um ou outro [heterónimo] (incluindo um astrólogo) para aparecer” e, na já referida carta a Casais Monteiro, chama ao Chevalier de Pas “o meu primeiro heterónimo, ou, antes, o meu primeiro conhecido inexistente”.

de Campos. O estilo poético dos dois poetas era realmente diferente, mas as suas personalidades têm bastante em comum — cada uma à sua maneira — com a de Pessoa. Por outro lado, o “outrar-se” de Pessoa era um recurso poético muito antigo, nem sempre ligado à heteronímia. O primeiríssimo poema de Pessoa, *Separated from thee*, escrito em Maio de 1901, é narrado não por um aluno de doze anos mas, sim, por um homem adulto que, “[i]n a dim vision” [numa esfumada visão], se visualiza a si próprio enquanto estudante e apaixonado por alguém de quem nunca se esqueceria. Se “outrar-se” é a característica central da heteronímia, talvez devamos concluir que *Separated from thee* e tantos outros poemas não assinados são obras de heterónimos fugidios e anónimos. Ou talvez não. Parece razoável exigir que um heterónimo, para merecer esta designação, tenha de mostrar alguma continuidade. Todavia, há actos de fingimento envolvendo autores fictícios que atingem um altíssimo grau de “outragem” apesar de os atos serem isolados e os seus autores efémeros. Um bom exemplo disso é Maria José, autora de uma única carta de amor que surge em último lugar, em 1930, no desfile de “outros eus”. Outro exemplo notável remonta a 28 anos antes, ao momento em que o desfile começava a arrancar...

Quando, numa viagem a Durban feita em 2011, descobri o primeiro poema inglês publicado por Pessoa, *The Miner's Song*, fiquei espantado não apenas por o poema ser atribuído a um autor fictício até então desconhecido, Karl P. Effield, mas também pelo estilo e pela temática das nove estrofes que Pessoa compusera enquanto suposto mineiro americano que emigrara para a Austrália. *A Canção do Mineiro* não é um grande poema, mas é uma peça única, diferente de tudo o resto na obra pessoana (Zenith, 2011: 39).

À semelhança do que aconteceria com os heterónimos Alexander Search e Faustino Antunes, Pessoa, ainda em Durban, enviou e recebeu correspondência em nome de Karl P. Effield e de Charles Robert Anon.<sup>3</sup> É como se estas figuras estivessem a preparar o caminho para Álvaro de Campos, que iria assinar, mais tarde, cartas, manifestos e artigos de jornal. Ofélia Queiroz e alguns amigos de Pessoa disseram que o engenheiro naval por vezes aparecia no lugar do seu progenitor,<sup>4</sup> mas estas instâncias de travestimento talvez confirmem apenas que Pessoa

<sup>3</sup> Sobrevive um envelope que continha correspondência enviada para Effield in Durban (BNP E3/134-1). *The Natal Mercury*, em 9/VII/1904, publicou uma carta assinada por C. R. Anon, acompanhada pelo poema que começa com “Hillier did first usurp”. O mesmo jornal, em 15/VII/1905, referiu outra carta que recebera de “C.R. Anon” (Zenith 2022: 225). Esta era datada de 7/VII/1905 (BNP E3/114<sup>1</sup>-52 a 55).

<sup>4</sup> A presença de Álvaro de Campos na relação amorosa que Pessoa manteve com Ofélia Queiroz é bem conhecida. Quanto a esta presença no âmbito de amizade, Alfredo Guisado lembrou: “Quantas e quantas vezes o encontrei na rua com aquele seu modo modestíssimo de andar que o apagava por completo entre a multidão e me dizia quando me

era um brincalhão, que gostava de pregar partidas. Concordo com Eduardo Lourenço e com a grande maioria de pessoas quando afirmam que os heterónimos e autores fictícios de Pessoa existiam no papel, na escrita; que faziam parte da sua literatura. Contudo, não sei se não teriam, para o seu criador, uma vaga existência independentemente das obras que assinavam.

Numa lista de heterónimos e autores fictícios publicados por mim e por Fernando Cabral Martins, foi incluído um certo Gaveston (Pessoa, 2012: 60-61), que não possui nem obra, nem projecto de obra. Mas Pessoa, entre 1904 e 1910, rabiscou dezenas de assinaturas para este heterónimo eternamente à beira de ser, como um sol que desponta sem nunca nascer.<sup>5</sup> Normalmente, o apelido Gaveston surge sozinho, mas há uma folha onde Pessoa ensaiou sete assinaturas de Gaveston e, depois, no oitavo ensaio, escreveu “Martin Gaveston”.<sup>6</sup> No início de um caderno utilizado no ano de 1906, Pessoa experimentou “Anton Gaveston”.<sup>7</sup> Num outro pedaço de papel Pessoa escreveu, ainda em Durban, o nome “Jerome Gaveston” e, logo abaixo, “Piers Gaveston”, o favorito — e amante, segundo alguns — de Eduardo II de Inglaterra.<sup>8</sup> E ainda numa outra folha encontra-se uma assinatura de um tal “Ed. Gaveston”, que celebra, pelo menos no papel, a união do rei (supondo que “Ed.” é a abreviatura de Edward) com o seu favorito.<sup>9</sup>

Por ter durado sete longos anos e em dois continentes diferentes, não terá Gaveston representado algo para Fernando Pessoa? Não terá ele sido o portador de um assunto que esperava o momento certo, as palavras certas, sem que este mesmo momento e estas mesmas palavras tivessem chegado? É provável que Gaveston tenha sido uma personagem tão misteriosa para Pessoa como é hoje para nós, mas estava de algum modo presente, marcando bem mais o universo imaginário do poeta do que muitas outras personagens que figuram nas várias listas de heterónimos que por aí circulam.

Os primeiros heterónimos — ou “conhecidos inexistentes”, na definição dada por Pessoa ao Chevalier de Pas e ao Capitão Thibeaut — parecem ter nascido das histórias que o tio-avô

---

acercava: ‘Você hoje vai falar com o Álvaro de Campos.’ (...) e tinha realmente nesse dia uma maneira de falar, uma maneira de dizer, uma maneira de sentir diversa daquela com que costumávamos encontrá-lo” (Guisado, 1935: 1).

<sup>5</sup> Algumas das suas assinaturas encontram-se nos seguintes documentos e cadernos do Espólio de Fernando Pessoa, à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal: BNP E3/13-38; 13A-69a; 36-42v; 48B-34v, 153v; 49B<sup>1</sup>-72v; 49B<sup>2</sup>-46, 91v; 49B<sup>3</sup>-44v; 49B<sup>5</sup>-82v; 49D<sup>1</sup>-56; 92I-78v; 124-46; 133E-67; 144T capa, 1; 144A2-1r.

<sup>6</sup> BNP E3/92Q-31v.

<sup>7</sup> BNP E3/144H-guarda.

<sup>8</sup> BNP E3/49D<sup>2</sup>-17v.

<sup>9</sup> BNP E3/27<sup>2</sup>G<sup>4</sup>-8.

Cunha inventava, com a colaboração do petiz, quando este tinha cinco ou seis anos de idade.<sup>10</sup> “Somos contos contando contos, nada” é o remate de uma ode de Ricardo Reis (datada de 28/IX/1932) e poderia servir de epílogo ao projecto da heteronímia. Na minha biografia de Pessoa, sugiro que os heterónimos sejam experiências como que científicas (Zenith, 2022: 266, 432, 1046), mas poderíamos, igualmente, entender cada heterónimo como uma história, um conto. Por exemplo, Alexander Search é a história de um intelectual sensível afligido pela mania da dúvida, que o leva a temer pela sua sanidade mental. Outro exemplo: *O Último Manuscrito do Barão de Teive* relata o caso de um fidalgo que, dada a sua frustração por não conseguir consumir relações sexuais com mulheres e, sobretudo, por não poder acabar as suas obras literárias, resolve suicidar-se. É significativo que outra personagem, António Mora, antes de ganhar o estatuto de heterónimo, tenha sido o protagonista de um conto, *Na Casa de Saúde de Cascais*, em que vestia uma toga e já defendia o paganismo e a cultura grega contra o cristianismo e a mentalidade decadente do mundo moderno.

Havia, depois, as histórias colectivas, as conversas e interacções entre os vários heterónimos. A este respeito, *Notas para a Recordação do Meu Mestre Caeiro* — em que cinco personalidades, incluindo Pessoa, fazem parte da história, narrada por Álvaro de Campos — é de longe o texto mais complexo e mais belo, mas a interactividade dos *alter ego* pessoanos começara logo com Chevalier de Pas e Capitão Thibeaut, que eram rivais. Foi, no entanto, no início de 1906, ou seja, oito anos antes da aparição de Alberto Caeiro, que surgiu a história de grupo mais improvável e fascinante de todas. A história é revelada numa carta supostamente recebida por Pessoa menos de seis meses depois do seu regresso definitivo a Portugal, com 17 anos de idade.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Numa carta (inédita) para Fernando Pessoa datada de 12/VII/1896, o tio Cunha menciona uma personagem já conhecida por ambos, “Tibô”, que então, segundo o tio, marchava com uma brigada de gafanhotos.

<sup>11</sup> BNP E3/462. Na transcrição que se segue, o texto entre parênteses rectos foi acrescentado por mim. As leituras duvidosas estão indicadas por pontos de interrogação entre parênteses rectos. No fim da carta surgem as seguintes frases soltas: “I am feeling rather ill” (duas vezes); “I am rather ill at present”; “So you must”; “I am in receipt”.



London, 26th February 1906

My dear P.

You must excuse me for not having before written to you, but I was at some pains to recall the address you left me — or rather to find the paper in which it was written. Now I have found it, I have not [had] the opportunity of writing.

I have been lately leading a somewhat adventurous life here, doctoring a little, catering[?] more, and swindling most. You know me well, I suppose.

I could not enumerate the number of tricks I have played since I left Durban, as much as I should like to tell you of them. But, as you know, I have no patience in writing.

I mystified everyone on board ship by a succession of turns as varied as successful. No one ever knew who was at it — for, as you know, — I never speak, except to friends.

I hope that, when I see you again (as I am sure I shall), I shall be able to relate all my accomplishments to you in detail with effect unexaggerated.

I am at present attempting to indite a magazine article. I [think] it sure to be a success. Where my doubt lies is whether the rest of my life shall be long enough to allow me time for the writing. I am ready ever and prompt for action, but — Lord bless me — for writing & thinking (D[evil] take me. I'm off the line.)

I should like to hear of you and of the old friends. I have had few letters from Durban. Nevers wrote, without giving his address. Saville wrote, at least he must believe he did, but I never saw worse semblance of writing. I have to this day been unable to find the head or foot of his page or the beginning or end of his letter. Lord bless the thief — lad, I mean. Stool is in America,<sup>12</sup> in Washington — and it's a ton of washing it will need with Stool there. Our little band is, I am afraid, disbanded. Esbara is indeed still in Durban, but he has bought spectacles, and now runs down nobody. Biff is in Maritzburg — let us hope the rots[?] have scorched[?] him.

Talking of scorched[?], how are you getting on?

I assisted the other day at a Spiritualistic seance, where I caused some commotion by tying the feet of the people to each other and to the chairs and legs of the table and afterwards my own feet. Some of them, when they picked themselves up, actually thought of spirits.

Yours sincerely,

G. Nabos

---

<sup>12</sup> O autor da carta escreveu e rasurou “America”, substituindo a palavra por “Australia”, que por sua vez rasurou, reescrevendo “America”.



Por muito que tente, não consigo conceber o estado de espírito de Fernando Pessoa, então estudante no Curso Superior de Letras, ao escrever esta carta dirigida a si mesmo em nome de Gaudêncio Nabos. Conquanto o poeta-fingidor fosse capaz de pregar uma partida a todos nós, futuros estudiosos da sua obra, não me parece o caso. Teria esta carta sido motivada pelas saudades de Durban e da curiosa vida social — feita pela imaginação — que lá vivia? O nome Nevers surge pelo menos uma vez nos papéis de Durban que Pessoa conservou; Saville era membro de uma das equipas desportivas que Fernando inventara para poder jogar futebol e críquete em casa, provavelmente com a ajuda de dados;<sup>13</sup> Sidney Parkinson Stool era membro de outra equipa.<sup>14</sup> Não encontrei outras menções a Biff ou a Esbara.<sup>15</sup> Estes dois nomes terão ocorrido a Pessoa no momento em que escreveu a carta ou correspondiam já a membros da sua *coterie* de amigos inexistentes? A *coterie* também incluía Charles Robert Anon, que dedicara a “G. N.” (Gaudêncio Nabos) o seu soneto *Liberty*, escrito em Durban e datado de 20/VI/1905.

Mesmo se deixarmos de lado os aspectos “sociais” e lúdicos da heteronímia para focar o ponto mais importante do fenómeno, designadamente a criação de obras literárias na voz e no estilo de autores fictícios, somos forçados a admitir que Caetano mais Campos mais Reis, apesar de atingirem um nível qualitativo que os separa nitidamente dos outros, faziam parte de um sistema bem instalado. Em 1908, aliás, Pessoa, segundo os esquemas de tarefas a cumprir contidos no seu *The Transformation Book*, tencionava dividir a *totalidade* da sua obra escrita — em português, inglês ou francês — entre quatro heterónimos. (Manifestou esta intenção, que durou pouco tempo, através de uma tarefa sem limites atribuída a Alexander Search: “all not the province of the other three” [tudo o que não esteja na esfera de acção dos outros três], sendo “os outros três” Charles James Search, Jean Seul e Pantaleão [Pessoa, 2012: 361-364].)

O ano de 1914 marca uma viragem em Pessoa, não pelo advento da heteronímia, que era uma prática ligada à sua maneira de escrever desde a infância, mas, sim, pela sua consumação: a heteronímia levantou voo. Resta considerarmos se o Caeirismo<sup>16</sup> — como Pessoa designava, já

<sup>13</sup> BNP E3/133D-76v (Nevers). Um George H. Saville e um Gordon D. Saville jogaram de facto críquete (este último também jogava futebol) pelo Cato Lodge em 1903 (BNP E3/144R-20). Este clube atlético foi possivelmente o primeiro inventado por Pessoa, no início de 1901 (BNP E3/113F-45v).

<sup>14</sup> Stool jogava no Marine Club: BNP E3/49B<sup>4</sup>-40v. Ver também BNP E3/14<sup>6</sup>-76, 48A-66 e 49D<sup>1</sup>-19.

<sup>15</sup> Este último nome foi claramente inspirado no verbo *esbarrar* (com o requinte de ser escrito com apenas um *r*, pois os amigos anglófonos de Durban seriam incapazes de pronunciar bem o duplo *r* português).

<sup>16</sup> BNP E3/92I-5.

na altura, a emergência de Caeiro e dos seus dois “discípulos” — foi resultado de um salto repentino para dentro da heteronímia ou se correspondeu, antes, a uma transformação do poeta na sua totalidade, com consequências que incidiram também na heteronímia. A evidência sustenta a primeira hipótese. Poemas como *Ó sino da minha aldeia* e *Abdicação*, ambos anteriores a 1914, figuram entre os melhores atribuídos ao próprio Fernando Pessoa. E nada menos do que quatro poemas da sua autoria escolhidos para publicação na revista *Athena* (no número de Dezembro de 1924) sob o título *De um Cancioneiro* foram escritos entre 1910 e 1912. Álvaro de Campos, nas *Notas para a Recordação do Meu Mestre Caeiro*, contaria que Pessoa ele mesmo, reagindo ao efeito da “Grande Vacina (...) contra a estupidez dos inteligentes” (Pessoa, 2012: 325), produzira a admirável sequência *Chuva Oblíqua*, mas a vacina chamada “Caeiro”, tal como as vacinas contra a COVID-19, teve uma eficácia de pouca dura, de modo que Pessoa, uma vez escrita *Chuva Oblíqua*, voltou a ser o mesmo poeta de antes.

A ideia de que o chamado “ortónimo”<sup>17</sup> é, para todos os efeitos, um outro heterónimo parece-me desmentida pelo tipo e até pela qualidade da poesia produzida. Apagando os nomes de Caeiro, Reis e Campos de todos os poemas a eles atribuídos, a obra poética completa de Pessoa talvez vendesse um pouco menos (admitindo que há leitores mais seduzidos pelo jogo de autoria múltipla do que pela poesia que daí resulta), mas continuaria a ser uma das mais deslumbrantes do século XX. Se, no entanto, se apagassem os próprios *poemas* atribuídos a Caeiro, Campos e Reis, com certeza não haveria colóquios sobre o poeta Fernando Pessoa todos os anos, muito embora ficássemos com quase dois terços da sua produção poética em português (quer dizer: pouco mais de um terço dessa produção deve-se aos heterónimos). Continuará a ser, sem dúvida, um poeta de grande valor, mas não um dos melhores no plano internacional. A celebridade de Pessoa enquanto prosador, por sua vez, depende do *Livro do Desassossego* e, em particular, da fase do livro em que a personalidade do presumível narrador — então chamado Bernardo Soares — é mais vincada e mais capaz de inspirar a escrita de trechos memoráveis.

“Voo outro”, escreveu Pessoa (na sua carta datada de 11 de Dezembro de 1931 para João Gaspar Simões) depois de explicar que a “exaltação íntima do poeta e a despersonalização do dramaturgo” caracterizavam a sua maneira de escrever em geral (Pessoa, 1982: 79). Pessoa voava “outro” mesmo quando escrevia com o seu próprio nome, mas tendia a voar mais *alto* quando

---

<sup>17</sup> Termo que Pessoa nunca utilizou. Usou a palavra “ortónimo” apenas como adjectivo (“obras ortónimas”, por exemplo). Tão-pouco empregou a palavra “heteronímia”, mas o termo “heteronimismo” surge na carta que enviou a Adolfo Casais Monteiro em 13/I/1935 (Pessoa, 1999: 341).



escrevia com o nome de Caeiro, Reis, Campos ou Soares. Estas figuras eram as quatro estrelas da companhia de actores-autores que Pessoa fundou na adolescência, precisamente a mesma altura em que inventou equipas de atletas fictícios. Esta aproximação entre a heteronímia e o mundo desportivo virtual de Pessoa pode parecer descabida, mas não será tanto assim se considerarmos que uma das equipas que inventara por volta de 1903, o Marine Club, ainda jogou uma partida de críquete em 1925, ou seja, pouco tempo depois da estreia pública de Ricardo Reis e de Alberto Caeiro, na revista *Athena* (Zenith, 2022: 756). Sim, por incrível que pareça, o poeta, aos 37 anos de idade e após um hiato de 20 anos, voltou a jogar críquete imaginário<sup>18</sup> — o que prova, como prova também o jogo de autores fictícios, que a criança em Pessoa nunca morreu.

## Referências

BNP/E3: Espólio de Fernando Pessoa à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal.

GUISADO, Alfredo (1935) “Fernando Pessoa e a sua Influência na Literatura Moderna”, *O Diabo*, 15/XII.

PESSOA, Fernando (1982) *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

— (1999) *Correspondência: 1923-1935*, Lisboa, Assírio & Alvim.

— (2012) *Teoria da Heteronímia*, edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim.

ZENITH (2011) “Karl P. Efffield. O Pré-Heterónimo de Boston”, *LER*, Lisboa, Fevereiro.

— (2014) “Reis Triunfal”, *Revista Estranhar Pessoa*, 1, Outono.

— (2022) *Pessoa: Uma Biografia*, Lisboa, Quetzal.

---

<sup>18</sup> BNP E3/87-39v.

**Richard Zenith** é um *freelancer* que se dedica à escrita, à investigação e à tradução. Especialista em Fernando Pessoa, publicou *Pessoa: A Biography* (2021), recentemente editada em tradução portuguesa, e organizou numerosas edições da sua obra, entre as quais o *Livro do Desassossego*. Traduziu para inglês várias obras de Pessoa, e também a poesia de Camões, Sophia de Mello Breyner, Carlos Drummond de Andrade e outros. Tem no prelo uma tradução revista e ampliada, intitulada *Cantigas: 122 Galician-Portuguese Troubadour Poems*.

